

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 149 — Domingo, 15 de Abril de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

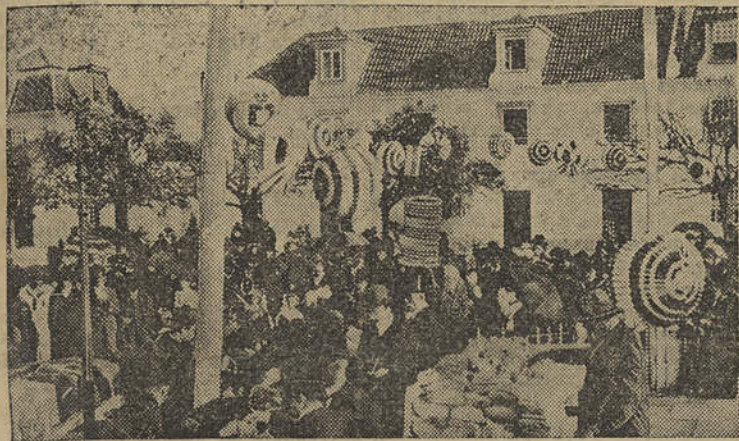


Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA



Dois aspectos da distribuição do bodo aos pobres, na Praça Marquês Pombal, na tarde de 14 de Abril de 1906

NA PASSAGEM DO PRIMEIRO CINQUENTENÁRIO

NO MEIO DE GRANDE ENTUSIASMO FOI ONTEM — HÁ CINQUENTA ANOS — INAUGURADO O CAMINHO DE FERRO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(Reportagem retrospectiva que José Barão dedica aos seus conterrâneos)

MIL novecentos e seis. João Lúcio acaba de publicar «O Meu Algarve», a bíblia do nosso povo; a emulsão de Scott é panaceia universal para todos os meninos raquíticos; governa o distrito Ferreira Netto; vende-se o azeite a 2\$400 réis os dez litros; as pilulas de Mata-Sezões encontram-se em todas as boticas; é administrador do nosso concelho o cap. Godofredo Barreira; o semanário local é apodado de Canudo e Tuba Guadianesa pelo «Heraldo», de Tavira; o alpiste nas Lezírias anuncia-se a dezanove tostões a arroba; os adversários do «Guadiana» são alcunhados por este de dr. Repólho e Cabeça de Almotolia; publica-se a «Arte de ganhar à roleta», de Custódio Rodrigues; progressistas e regeneradores primam na descortesia; o vapor de Mértola faz carreiras diárias; uma bota de sardinha custa 35\$000 réis; a firma Gomes & Capa anuncia ter recebido directamente da Bélgica superfosfato; nas boticas Carrilho e Carmo espartam-se os adversários; a equipagem do «Vasco da Gama» insubordina-se; uma cautela custa três vintens; a monarquia, envelhecida na sua orgânica e montada pelos seus servidores, apresenta no corpo flácido os primeiros tiores da morte; uma criada ganha 4\$000 réis por mês; o dr. João Abecassis impõe-se à consideração pública dos pombalinos; as senhoras, recebidas as últimas modas no paquete «Algarve», ostentam na cabeça um amontoado de penachos e fitinhas; os galeões a remo fazem boas pescas; a chalupa «Esperança», com as neptunianas barbas do mestre Honrado, chegou sem novidade; aparece o primeiro automóvel na Mina de S. Domingos; a batata anuncia-se a 600 réis a arroba; no Guadiana, estão fundeados onze grandes navios para carregar minério; Ataíde de Oliveira publica a «Monografia de Algô» e os cigarros «Marechais» vendem-se a sete um vintém; os oradores republicanos empolgam nos comícios... e o primeiro comboio chega a esta vila.

FEZ ontem cinquenta anos (era sábado da Aleluia) que se inaugurou o caminho de ferro em Vila Real de Santo António. O melhoramento, pela extraordinária importância que representou para a comodidade dos povos desta região do Sotavento e para a sua prosperidade, foi saudado com delírio na nossa terra. E outra coisa não era de esperar, porque a chegada do caminho de ferro marcou uma das grandes etapas do progresso da Vila Pombalina, que continua confiante que os seus filhos e os seus amigos, poderosos ou modestos, não esmoreçam no entusiasmo que presidiu à fundação desta nossa querida terra pelo grande Marquês. Para os que se empenharam por esse melhoramento e para aqueles, técnicos ou simples trabalhadores, que assentaram as travessas, lançaram as pontes, cavaram as trincheiras, amontoaram os aterros e estenderam os carris, vai, para todos eles, no dia de hoje, a nossa gratidão — para os poucos sobreviventes, e a nossa saudade — para os que já não existem.

De vez em quando...

HOSPITAIS

Por TRINDADE E LIMA

DEDIQUEI um dos dias desta minha quinquena de férias à visita, no Hospital dos Capuchos, de doentes do meu concelho ali internados. A maioria não conhecia, mas embora vivendo longe, agora, quis dar-lhes uma prova da minha solidariedade na hora das suas pungentes dores e angústias. E conversando com eles, vim a saber que a todos me prendiam laços de amizade familiar. Somente depois de ter saído soube que lá estava também um antigo aluno, e, por isso, meu amigo.

Lá voltarei a vê-lo, quando para isso tiver folga.

E anotando estes passos veio-me à memória o hospital da minha terra, tão pobrinho e tão rico quando o encha a alma luminosa do dr. João Dias, cuja memória nunca será demais pranteada.

Fui dos primeiros que formaram a seu lado para conseguir fazer de uma toca o que lá está. Levei a minha escola, e com ela

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

gará lá para a uma hora da tarde, depois do jantar.

Os senhores da comissão de recepção também saíram cedo de casa e já envergando os fatos de cerimónia, uns de chapéu de coco, outros de chapéu alto. Como é dia santo, entram na igreja, que está cheia, avultando na assistência, além das senhoras da terra, as senhoras de Mértola, de Alcoutim, de Castro Marim e de Aiamonte, que estão aqui para presenciarem a chegada do primeiro comboio. No altar, o sr. padre Jorge Leiria vai dizendo as orações do ritual e cá fora os vendedores de amêndoas, rodeados de garotada, fazem um barulho dos demónios. Ainda estão a armar os coretos para as filarmónicas e

parece que há divergências sobre onde deve ficar a Nova e onde deve tocar a Velha. A adega do Calhau e as casas do peixe frito ali da Rua Morta não têm mãos a medir. Nas atafonas trabalhou-se toda a noite, pois além do pão para o bodo, que é distribuído à tarde, houve que cozer pão para toda esta gente que já chegou e está a chegar a toda a hora.

A canoa do mestre Forja já fez mais de quatro viagens, carregadilha de espanhóis e está a chegar a banda do Asilo Provincial de Aiamonte. Na Praça, onde há hoje grande abundância de fogaças e bartolos, mestre Barragão, com o seu cachimbo, o seu coco e a sua canastra, acompanhado

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

DUAS DEFICIÊNCIAS muito graves

A FALTA DA RÁDIO COSTEIRA E DE UM SALVA-VIDAS evidenciadas no risco

de naufrágio da Traineira «Raulito»

NA noite do passado domingo, dia 9, toda a vila foi alarmada com a notícia de que, em virtude do forte temporal de Levante que se desencadeara na costa meridional, alguns barcos pesqueiros se achavam em perigo de sossobrar na barra. Soube-se, pouco depois, que a traineira «Raulito», da firma Raul Folque & Filhos, deste centro, governada pelo mestre Joaquim Manuel e com mais de trinta homens de companhia, tinha sido arremessada pela vaga de Sueste contra um baixio, onde encalhara.

Um arrastão de Aiamonte, que vinha a entrar, tocou em terra portuguesa para informar do acidente, tendo-se logo pedido socorros ao salva-vidas de Tavira, o qual se aprestou a partir para este porto, onde chegou só às 2 da manhã. Entretanto, também marchara para o local do sinistro o barco dos Pilotos locais, mas já então a traineira «Maria Rosa», da firma Parodi, comandada pelo mestre José Ferreira, tinha prestado auxílio eficaz, com louvável abnegação e risco da própria vida, conseguindo safar a «Raulito», com grande dificuldade, no que foi secundada pelos pesqueiros «Nossa Sr.ª da Paz», da Fuseta, e pela enviada «Maroto», desta praça, sob as ordens do mestre Emilianho. A embarcação sinistrada, cujo casco apresenta avarias, veio rebocada para este porto, sem que, felizmente, se tivessem registado desastres pessoais.

A tripulação atribui o sinistro, especialmente, às deficiências na sinalização luminosa da barra.

Ocorre perguntar, a propósito, porque não se soluçiona quanto antes a questão da Rádio Costeira CUX 27, desta vila, a qual, por exigências dos Serviços Rádio-Eléctricos, que lhe acarretariam despesas incomportáveis, se tem visto impedida de funcionar, mantendo a conveniente ligação com

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

UMA INJUSTIÇA QUE URGE REMEDIAR

O ENCERRAMENTO DO CENTRO DE VELA LOCAL DA MOCIDADE PORTUGUESA

CAUSOU NESTA VILA A MAIOR CONSTERNAÇÃO

SERVIDA pelo magnífico estuário do Guadiana, Vila Real de Santo António pode, sem sombra de favor, e depois de Lagos, considerar-se o melhor centro do Algarve para a prática de desportos náuticos. Difícilmente poderiam reunir-se noutra qualquer local todas as magníficas e excepcionais condições que aqui se encontram para a prática tanto da vela como do remo. Tudo isto, pois, acrescido da circunstância muito para considerar da posição geográfica de que disfrutamos, aconselharia, tanto por parte dos simples particulares como, principalmente, das entidades oficiais responsáveis pela protecção e difusão daqueles salutareos desportos, um carinho e interesse que lamentavelmente nunca chegámos a registar na justa medida das possibilidades com que a Natureza nos dotou.

«Defuntas» e devidamente «seputadas» as actividades do Clube Náutico local

(que, pela circunstância, aliás remediável, de ser apenas Delegação de um Clube lisboeta que jamais lhe ligou dez réis de importância, nunca disfrutou dos benefícios concedidos pela Federação Portuguesa de Vela a outros clubes congéneres da Província—mas que ainda, em tempos, deu um arzinho da sua graça...), Vila Real de Santo António viu-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

A trave mestra da casa

Ontem fui deitar uma carta no correio. Eu e uma mulher já não muito nova chegámos ao mesmo tempo. Passei a vista pelo endereço, vi se estava tudo em ordem. Estava. E quando me decidi a deitá-la, encontrei a mão áspera, dura. Hesitei. Ela hesitou, também. Dei-lhe a preferência, com um gesto.

—Prante vocemecê—retorquiu secamente. Achei graça. Fixei-a melhor. Era uma mulher atarracada, de feições duras, talhada a podão. Trazia ainda um lenço na cabeça, amarrado junto ao queixo. Os olhos eram miudinhos e rápidos. Tinha uns ombros largos; a vida, porém, pusera-lhe um carregamento enorme em cima e não deixara desenvolvê-la.

Depois da carta posta ao seu destino, fazíamos o mesmo caminho. E aí vamos nós a conversar. Aos arrancos, da parte dela. Sempre com os ratinhos medrosos dos olhos para cá, para lá. Aos poucos, apanhei-lhe a história. E' lá de riba, de ao pé de S. Romão, não sei se conhece. O seu home trabalha na mina. Lá ficou, com os filhos, são rapazes, os três arranjam-se, o mais velhinho é um ajuizado, é quem trata dos outros, é para ele que a carta vai. Eles vivem numa casinha que lhes pertence, vai a iduga este ano foi munta e deu cabada do telhado. Para arranjá-lo são precisas oito notas. Ela que faz? Mete pés a caminho e velo servir meio ano para Lisboa. Depois de ter o dinheirinho pronto, ela aí vai... tem saudades dos piquenets.

—E do meu home... acrescenta, corada. Fito-a com imensa ternura. Estendo-lhe a mão, que ela aperta desajeitada. De via té-la abraçada, apertado ao meu coração aquele bravo coração de mulher portuguesa. Fico ali parada, até vê-la sumir-se na travessa.

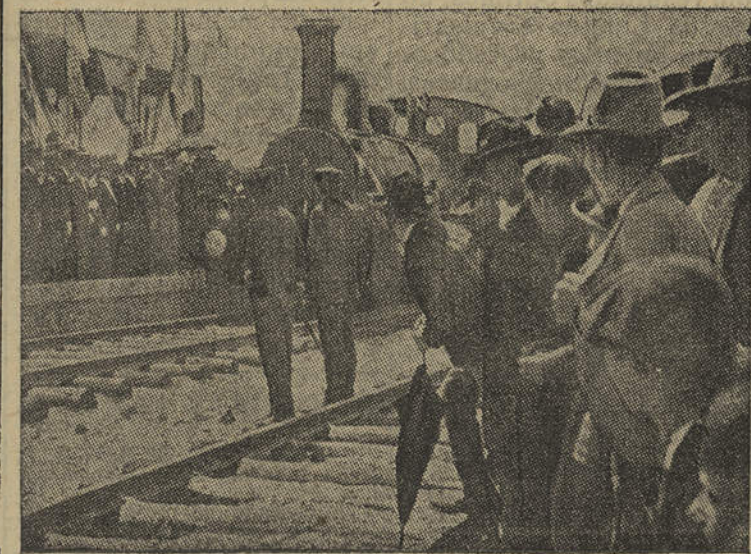
(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM LOULÉ

Como habitualmente, realizam-se em Loulé as tradicionais solenidades em honra de Nossa Senhora da Piedade — a Mãe Soberana, no dizer carinhoso e pio da gente louletana — que ali se efectuam, com grande aparato e fervor religioso, nesta quadra do ano.

As festividades iniciaram-se no Domingo de Páscoa e terminam hoje, dia principal, com Missa solene e sermão, às 12 horas, pelo distinto orador sacro rev. padre Luis Castelo Branco, e a importante procissão da veneranda imagem de Nossa Senhora da Piedade até ao seu Santuário, a qual decorrerá apoteoticamente, a partir das 17 horas.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



O primeiro comboio entrando na estação de Vila Real de Santo António, fez ontem 50 anos

TÊM A PALAVRA OS NOVOS

CONGRESSO DE MOCIDADE

AS palavras têm vida própria. Sem dúvida que elas servem para traduzir o pensamento, e por detrás de toda a palavra está a ideia que ela exprime. Mas, além dessa função, as palavras valem por si mesmas: sugerem, possuem um valor intrínseco, que pode estar ou não de acordo com o significado objectivo.

«Congresso de Mocidade!» O que isto traz de esperança, de primavera, de

BISPO DO ALGARVE

Comemorou-se, na passada 5.ª feira, o 3.º aniversário da Sagração Episcopal de S. Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo do Algarve, D. frei Francisco Rendeiro O. P., a quem, por tão festiva data, endereçamos os nossos respeitosos cumprimentos de felicitações,

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Lisboa, de visita a seu filho, sr. dr. Fernando Leonel Viegas Álvares, o nosso estimado amigo e prezado colaborador sr. Manuel Rodrigues Álvares.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Esteve entre nós o nosso prezado amigo e assinante sr. António Hermenegildo, residente em Faro.

Vindo de Lisboa, encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, o sr. José Eduardo Capa Horta Correia, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. dr. António Virgílio Horta Correia.

Retiraram para Lisboa, a fim de continuar os seus estudos, os nossos prezados amigos srs. Álvaro Campero Munhoz e José Norberto Pereira Domingues.

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Graciliano Vieira Carmo.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Manuel Serafim Dias.

Nascimento

Em Lourenço Marques, onde reside, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Maria Catarina Pinto Medeiros Rocheta Cassiano, esposa do sr. eng. Henrique Manuel Rocheta Cassiano, que se encontra a prestar serviço na Barragem do Limpopo, e filha do nosso prezado amigo e assinante sr. João Celorico Medeiros. As nossas felicitações.

Casamentos

No passado dia 2 do corrente, realizou-se na Sé de Faro o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Manuela Belmarço Rocheta, gentil e prezada filha da sr.^a D. Maria Luísa Belmarço Rocheta e do sr. dr. Manuel Farrajota Rocheta, ilustre ministro plenipotenciário de Portugal em Bona (Alemanha), com o sr. José Eduardo Falcão de Berredo Santos, professor de Educação Física, filho da sr.^a D. Brites Falcão de Berredo Santos e do sr. brigadeiro Eduardo José dos Santos.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a avó materna, sr.^a D. Amélia Salter de Sousa Belmarço e o tio paterno, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, e, por parte do noivo, seus tios, sr.^s D. Maria Júlia Falcão de Berredo Correia e esposo, sr. eng. Manuel Apolónia Correia.

Ficou a cerimónia, foi servido, em casa dos avós maternos da noiva, um finíssimo copo-de-água; na «corbeille» dos noivos vieram-se artísticas e numerosas prendas. Sua Santidade o Papa Pio XII dignou-se enviar aos noivos a sua bênção, por telegrama recebido de Roma, pouco antes da cerimónia.

Ao novo casal, «Notícias do Algarve» deseja as maiores venturas.

No passado dia 7, realizou-se na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial da sr.^a D. Bráulio do Carmo Leandro com o sr. António Salas, ambos desta freguesia.

Foram padrinhos da cerimónia, por parte da noiva, seu irmão, sr. Amaro do Carmo Leandro e sua esposa, sr.^a D. Florisa da Rosa Leandro, e por parte do noivo, seu irmão, sr. Francisco Salas e sua esposa, sr.^a D. Rosa Gonçalves Salas.

No dia 11 do corrente, celebrou-se, na Paróquia de N. S.^a da Encarnação desta freguesia, o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Eulália Guerreiro Macedo, filha do sr. Aníbal Caetano de Macedo, fiscal de tabacos, e da sr.^a D. Eulália Guerreiro de Macedo, de Vila Nova de Cacela, com o sr. José Calazans Parreira Toledo, filho do sr. Firmo Gomes Toledo e da sr.^a D. Camila do Carmo Parreira Toledo.

Foram padrinhos, pela noiva, o sr. Domingos Neto e sua esposa; e por parte do noivo, o sr. Francisco Ribeiro Alves e esposa.

Aos novos casais, desejamos muitas felicidades.

VENDEM-SE

2 engenhos para nora, em estado de novos, prontos a entregar.

Dirigir a Desidério Rosa - Vila Real de Santo António.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Pesca do atum A firma de Matosinhos Adão Polónio vai iniciar também a pesca do atum à linha. E o principal centro industrial de atum do País fica-se de braços cruzados!

Atenção, pescadores de linha! O último número da revista «Neptuno» dá-nos notícia de uma invenção norueguesa que revolucionará a pesca à linha. Baseia-se a mesma num facto que é conhecido de todos os pescadores: a atracção que a luz exerce sobre os peixes.

O engenho que acaba de ser patenteado — diz a revista — desempenha simultaneamente a função de chumbada e de chamariz. Fabricado de latão, contém no interior uma pilha seca e uma lâmpada eléctrica. Para facilitar a introdução da pilha e da lâmpada, o chamariz é composto de duas metades rosçadas uma na outra, o que permite uma vedação estanque.

O chamariz tem duas janelas, através das quais se filtra a luz até alguns metros de distância, o que desperta a curiosidade dos peixes.

Construído para resistir à pressão de 10 atmosferas, o chamariz, que é feito de dois tamanhos, com os pesos de 750 gr. e 1 kg., pode mergulhar até à profundidade de 100 metros.

O chamariz é somente empregado na pesca à linha, à qual é convenientemente fixado. Para este efeito, há na parte superior um perno com olhal e na parte inferior dois pernos também de olhal, com rosca, intermutáveis. Para a pesca à «zagaia» ou à «jogada» emprega-se o perno com olhal torto e para a pesca de «assano», «corrico» ou «amostra», o perno com olhal direito.

O aparelho utiliza uma pequena lâmpada vulgar, dessas que se usam no bolso, para se subir a escada a horas mortas. A nova invenção foi experimentada com resultados óptimos, no mar de Lofoten e vulgarizou-se entre os pescadores profissionais noruegueses.

Estes surpreendem-se como uma ideia tão simples só agora foi posta em prática.

O chamariz luminoso (Lysstralefiskeloddet) está a ser fabricado em série para satisfazer importantes encomendas.

Qualquer pescador curioso, utilizando um recipiente de lata com duas vigias de vidro aplicadas por um latoeiro e metendo-lhe dentro uma lâmpada de bolso, poderá fazer o ensaio.

Sopas de peixe Há meses, a propósito da invasão do nosso mercado por sopas estrangeiras concentradas, lembrámos aos nossos industriais a vantagem de ensaiarem o fabrico de sopas à base de peixe, o que seria vantajoso para eles, para a classe trabalhadora e até para a economia do País. E' claro que sabíamos — e a razão por que o sabíamos não a dizemos — que a sugestão teria

a inglória virtude das sementes que se lançam em chão sáfaro.

Não vingam. O mesmo, porém, não aconteceu em Espanha, onde há imaginação industrial e onde, por a vida ser, por enquanto, mais difícil, há necessidade de trabalhar. Vimos agora que foram lançadas no mercado espanhol as primeiras sopas de peixe, que têm a seguinte designação: «Sopa de pescado Bouillabaise PRISA», cada caixinha de cartão, ilustrada, contém uma porção para quatro pratos e vende-se a 3,50 pesetas, muito mais barato, portanto, que as sopas estrangeiras que adquirimos em Portugal.

Continuamos a lamentar a notória falta de iniciativa dos nossos industriais e lamentamos também a muita cera que temos gasto.

«Sardinhas» Vimos nos jornais de Nova

norueguesas Iorque um enorme e vistoso anúncio das «sardinhas» norueguesas, o qual, além do símbolo gráfico lá muito adoptado pelos fabricantes, mostrava duas «sardinhas» estendidas sobre uma bolacha quadrada de água e sal de determinada marca. A tradução do anúncio era, mais ou menos, a seguinte: «Sardinhas sem pele e sem espinha, duas sardinhas em cima da bolacha, com mostarda e limão e não há melhor no mundo. São as sardinhas frescas dos fiordes, enlatadas em autêntico azeite de oliveira por gente experimentada. Rica em proteínas, constitui uma das melhores refeições em sanduiches e em saladas. Tenha-as em casa, à mão, prontas para servir num minuto».

Esperemos que o convénio agora estabelecido com os poderosos importadores americanos, a que já tivemos ensejo de nos referir, seja proveitoso para as sardinhas portuguesas. — J. B.

GARREIRAS FLUVIAIS para Mértola

No passado dia 13 do corrente, deu início às carreiras de passageiros entre esta vila e Mértola o novo barco-motor, há pouco inaugurado, de nome «Mértola».

Os horários das carreiras, que vão ser afixados, prevêem partidas de Mértola às segundas, quartas e sextas-feiras, e partidas de Vila Real de Santo António, às terças, quintas e sábados.

Viajante ilustre

Vindo da Espanha, passou por esta vila, a caminho da Capital, o subsecretário de Estado do Tesouro, do Governo Português, sr. dr. Manuel Jacinto Nunes.



PROVINCIA

TAVIRA

Novo de Abril

A patriótica data do 9 de Abril foi comemorada nesta cidade. Realizou-se uma cerimónia, pela guarda militar, junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Praça da República, sendo guardados dois minutos de silêncio, e colocado um lindo ramo de flores no pedestal do monumento. Ao acto assistiram as autoridades civis e militares da cidade e alguns combatentes da grande guerra, aqui residentes.

Igreja de Santa Maria

Este interessante monumento nacional encontra-se com falta de algumas reparações e a competente caiação.

O seu imponente adro, que dá para a entrada do Parque Municipal, encontra-se revestido de tal quantidade de erva que há dias tivemos, com desgosto, de assistir ao espectáculo dum rebanho de carneiros ali a pastar.

Não faz sentido este estado de coisas, e desejáramos ver aquele Largo limpo e arranjado.

O Custo da Vida em Tavira

Lemos, no jornal o «Século», do dia 4 de Abril, que «foram mandados baixar em todo o País os preços do peixe». Até hoje, aqui não chegou tal ordem, o que não é de admirar, pois para elevação de preços Tavira é a primeira do País, e para baixa dos mesmos, é coisa que raramente se verifica. Quando estava a funcionar o «Curso de Sargentos Milicianos» nesta cidade, alguns maldizentes locais diziam que os referidos milicianos é que vinham fazer a vida cara em Tavira. Agora, que aqui não estão, o custo da vida está pelo dobro, ou mais, do que naquela data... — C.

CONTA GOTAS

(COROLUÇÃO DA 1.^a PÁGINA)

Amigos como dantes

«Na praia. Eu acho nela a musa que me anima, a claridade, a robustez, a acção...» Podia dizer isto. Mas os versos foram dedicados ao campo, nada a fazer. A verdade é a verdade; preciso, de quando em quando, de ver o mar. Como os doentes, em períodos determinados, necessitam de determinado remédio.

Por isso, na terça-feira guardei duas sanduiches e uma fatia com ovo do foliar que me mandou a minha madrinha, e fui até à Caparica. Um dia memorável. Não vou contá-lo aqui, que o campo é longo para desbastar, mas é, para isso, curto o tempo. Conto só um pequeno caso sem importância, que me deixou pensativa.

No barco onde segui. Outro veio atracar a ele, para transbordo. Um marinheiro de cada barco. Inebriavam-se. Congestionados. Gestos espalhafatosos. Parece que o marinheiro do outro barco acietara o emprego depois de ter afiançado que nunca o faria. E' fácil ter língua quando não há duas bocas à perna de um homem, a pedir pão... — dizta esse mesmo.

De qualquer forma, era um trampolínio. Um tipo sem palavra. Gritam. «Vão-se pegar, querem ver? penso».

Não. Depois de terem dito tudo um ao outro, oferecem-se cigarros. Fumam. Despedem-se com um gesto largo da mão peluda.

Mão onde a vida deixa calos mas não deixa rancor.

Quadro da Paz de Portinari

Cor. Uma cor sadia. Cor que brinca. Retalhos alegres para o grande tapete mágico da felicidade. Crianças. Armar do pino, no baloiço, no balanço, eixo-ribaldexo, a dançar, a cantar. Crianças. Por toda a parte, gestos de crianças felizes. B animais. Dois cães engalfinhados, brincalhões. Ca-

ODELEITE

Repetindo necessidades

Fomos informados, por empregados da J. A. E., de que o caminho junto à ponte — um pouco antes e à direita — quem tem o dever de mandar arranjar é a Junta de Freguesia.

Agrada-nos a informação, por os membros da Junta serem nossos conterrâneos e, assim, sentirem melhor o que é de extrema necessidade.

E' de lamentar que, de Outubro até agora, ainda não fosse visto por quem de direito, e tanto mais passando por ele quase diariamente.

Quando nós, os chefes de família, elegemos os membros indigitados para a actual Junta de Freguesia, foi pensando que seriam sentinelas vigilantes, prontas a acudir às necessidades urgentes.

Devem ter verba orçada e dinheiro disponível, e por umas magras dezenas de escudos não nos devemos tornar desagradáveis.

A força de vontade do sr. presidente da Junta não tem deixado a desejar, e esperamos que agora, volvidos 6 meses, se faça o que é preciso. Muito gratos ficaremos.

Ainda a visita Pascal

Conforme dissemos a semana passada, continuou pelos montes da freguesia esta cerimónia.

Sendo recebido em todos os lugares com demonstrações de simpatia, o rev. pároco mostra-se satisfeitíssimo.

E' digna de registo a recepção que lhe fizeram em alguns montes, especialmente na Foz e Furnazinhas. No primeiro, na residência do sr. Manuel Pereira Cavaco, foi servido um fino copo-de-água, tendo predominado o elemento feminino, em conjunto com os cavalheiros mais categorizados da terra.

Nas Furnazinhas, foram servidas refeições, nas residências dos srs. José Afonso Henrique e José Brás, cavalheiros de boa posição social que sempre tem gostado de pugnar pelo engrandecimento da sua freguesia.

Vale do Pereira, Corte Nova, Corte Velha, também demonstraram quanto se sentem satisfeitos.

Não é sem razão que mais de uma vez temos afirmado quanto a nossa freguesia é solícita em corresponder, confirmando o dito popular: «Amor com amor se paga». — C.

FALECIMENTO

Dr. Luís Bernardino da Silva

Faleceu em Lisboa e ficou ali sepultado, o sr. dr. Luís Bernardino da Silva, de 63 anos, natural de Olhão, médico, casado com a sr.^a D. Maria Angélica Pires Soares A'uas da Silva; pai da sr.^a D. Maria Teresa A'guas da Silva; irmã da sr.^a D. Laura Silva e do sr. António Silva; cunhado da sr.^a D. Teresa A'guas Vila Lobos e do sr. dr. José Emilio Vila Lobos; e tio do sr. dr. José João A'guas Vila Lobos.

ÁGUA PURA

Só a conseguirá comprando um filtro alemão PURIFY na

Agência Comercial e Marítima do Sul

TELEFONE 76

Vila Real de Santo António

valos moiros de trabalho, moiros felizes do trabalho secundo. Aquele que vem pelo caminho, meneando a cabeça, pata no ar, a compasso de música. Um caracol lá em cima, estão a ver? Caracol, paizinhos ao Sol. E homens. Mulheres. De mãos dadas. Dois camponeses malhados trigo. Alastra uma mancha de luz. Mancha de paz. Fresca. Jovial. Vitoriosa.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Abril:

TRAINEIRAS	
Leste	81.805\$00
Rajada	60.300\$00
Flor do Sul	34.920\$00
Brisa	31.470\$00
Tozé	28.910\$00
Liberta	12.265\$00
Deolinda Rita	11.760\$00
Raulito	9.400\$00
Alvarito	7.810\$00
Pérola do Guadiana	4.300\$00
Ramira	1.000\$00
Total	283.940\$00

CERCO Amazona 26.010\$00

O tempo e a pesca

Devido ao tempo desfavorável, a nossa frota de pesca não tem podido operar, pelo que tem sido reduzidíssimo o movimento da lota.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 6 a 12 de Abril:

Entrados:
MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tãnger, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
OOSTZEE, Holandês, de 498 ton., de Wisbech, vazio.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:
MARIAECK, Alemão, para Hamburgo, com conservas, amêndoa e rolhas de cortiça.
LAUPEN, Suíço, para Génova, com conservas.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Abril, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

Agradecimento

A família de Joaquim Francisco Aleixo, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por desconhecimento de endereços, vem, por este meio, testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o seu saudoso extinto à sua ultima morada.

CINE-POZ

Hoje, 15, apresenta um dos melhores filmes de todos os tempos, SABRINA, com Humphrey Bogart, Audrey Hepburn e William Holden.

A deliciosa comédia que maravilhou o público e a crítica. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Terça-feira, 17, enibe o magnífico filme de Cecil B. de Mille, CLEOPATRA, com Claudette Colbert e Henry Wilcoxon.

A história da mais sedutora mulher de todos os tempos. O filme das multidões. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 19, projecta o filme SANGUE E LUZ, com Daniel Gélín e Zsa Zsa Gabor.

Toda a emoção tumultuosa da festa brava. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Agradecimento

A viuva, filhos e mais família de José Lourenço, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu saudoso extinto à ultima morada, especialmente à Corporação de Bombeiros Voluntários locais, bem como às que por qualquer meio lhes manifestaram o seu pesar.

Assine o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

PENTEADOS MODERNOS

NAS NOVAS LINHAS

EM PERMANENTES A FRIO, MORNAS E QUENTES

DESPIRIS CABELOS ENCARAPINHADOS

TINTAS, CORTES, MISES, etc.

Executa pela técnica mais actualizada o

CABELEIREIRO ETELBERTO

ARTE — CONFORTO — PERFEIÇÃO

SALÃO LAUREA

Rua D. Pedro V, 5-1.º — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

de meia dúzia de cozinheiros dos navios estrangeiros, discute com um serrenho o preço das laranjas que não-de-ir para bordo. O camponez, manhoso, ouvindo abundância de «come-on», percebe que tem na frente embarcações endinheiradas e não larga o cesto de laranjas por menos de seis vintens. Mestre Barragão, que já mandou pelos moços alguns cestos de repólhos para o bote, não consegue demover o montanhoso e fulminando-o com um «yes» e pondo o coco à banda, lá começa a contar os sumarentos frutos.

Conselhos aos músicos da Velha e da Nova e disputa com os cuicos

São 10 horas. O calor aperta. Junto do barracão de madeira que serve de estação, os carpinteiros espantam os últimos pregos na tenda improvisada onde há-de ser servido o copo-de-água aos convidados, e no areal o Rupia e o António Bé e mais pessoal do fogo preparam os foguetes que não-de-atroar os ares daqui a pouco, quando chegar o comboio. Os srs. engenheiros Fernando de Sousa, Bual e Artur Mendes Silveira conversam com o pessoal da estação — o chefe todo importante na farda nova — a dar indicações para que tudo decorra na melhor ordem. Entretanto, na vila, o presidente da Câmara, sr. Jacinto José de Andrade e o administrador do concelho dão uma vista de olhos pelas ornamentações. E' preciso que os adversários políticos não especulem e não vão à noite para a botica trocar da festa. Há também que pensar nas piadas cáusticas do «Heraldo» e do «Distrito de Faro». Isto tem que sair decente! O senhor capitão: o melhor é dar ali uma fugida à música Nova, a ver se aquele instrumental está bem limpo. E lembre lá aos músicos que não se peguem. Há aí muita gente de fora e pareceria mal uma desordem. Quem ouviria depois o comendador Ferreira Netto! Olhe, eu vou à Velha aconselhar os rapazes a que se portem com decência. Que diabo, hoje é festa! Até logo, correligionário!

Como estamos na Semana Santa, os galeões a remo não foram ao mar e há pouco peixe. Das barcas de Monte Gordo é que vem chegando agora algum. Os cuicos, ajuizados ao peso das canastras, depois de longa corrida em passo miúdo, entram na praça estafados. Arreiam as vasilhas e logo o mulhinho lhes cai em cima. — «Per aí, mulher!» E depois de alguns improperios no seu linguajar mestiço, despejam as canastras: «charros, muxarras, trombões e azebias. Meio cento de charros, quinzezéis.» — «Vá roubar prós Banquinhos, sé bedufino!» O «Mecklemburg», a vomitar fumarada negra, acaba de lançar ferro em frente da praça de peixe e a catraia dos pilotos vem para terra.

Vai aproximando-se a hora grande. A missa acabou e as senhoras, sob os vistosos e volumosos chapéus chegados no paquete de Lisboa, abrem as sombrinhas e prendendo com as mãos enluvadas as saias, para melhor caminharem, dirigem-se apressadamente para casa. Vão tratar do jantar das crianças para não faltarem à hora da recepção. «Estão aí os engenheiros de Lisboa e há muita gente de fora!» «O prima, reparou no chapéu da X? Que mau gosto!»

Uma partida do cortejo para a estação e a indesejável presença dos rufiões das «coquetas»

Pouco passa do meio-dia. Os Judas de palha são arrastados pelas ruas da vila e esfacelados pela fúria do rapazio. E' preciso acabar depressa com esses traidores para ir ver a chegada do comboio. Lá devem estar alguns Judas, mas de carne e osso, aos quais a maltezaría não pode dar um patelo. Portanto, é aproveitar agora para saciar os instintos homicidas nos bonecos que simbolizam um dos mais repelentes actos humanos — a traição.

A população começa a concentrar-se em frente dos Paços do Concelho, para se organizar o cortejo que se há-de encaminhar para a estação. Já estão presentes as entidades oficiais, os bombeiros voluntários e todas as colectividades locais, os representantes de Almonte e Isla Cristina, as filarmónicas 1.º de Maio e Meyerbeer e do Asilo-Cuna da fronteira cidade e muito povo, gente do Lazareto e do Mundo Novo envergando, mulheres e homens, as suas melhores roupas. Apesar do dia quente, as mulheres têm a cabeça envolvida em lenços de bico pendente e os charles encobrem-se-lhes nos ombros. Muitas sombrinhas e guardasóis.

Já depois do cortejo ter partido a caminho da estação, muitos retardatários atravessam o areal, passam junto dos mofinhos do Tio

Guerreiro que, de velas abertas, indiferentes a essa mensagem do progresso que chegará daqui a pouco, a resfolegar vapor e a chocalhar ferros, continuam a moer os alqueires de trigo que o Tio Raminho, o Ferramacho e outros conservavam ainda da colheita passada.

Aproxima-se a hora da chegada do comboio. A linda vila quase se despovoou. À porta da igreja ainda permanecem alguns vendedores de amêndoas sem clientela, que olham estupidamente para as bandeiras e para os balões que rodeiam o obelisco, junto do qual já estão os balcões para distribuir o budo à pobreza. Se não fora as andorinhas chilreantes a revoltearem na Praça, pareceria que a peste tinha entrado aqui. Mas além das simpáticas avezinhas, andam também por aí, frequentando as vendas, os tripulantes das quatro «coquetas» de Setúbal, que entraram de madrugada com sardinha salgada. Lenco vermelho ao pescoço, boné puxado para a testa, as pernas arqueadas, os rufiões vão ginguando como os seus barcos em dia de mareta e sentem-se livres para a bebedeira e para as tropelias. O pior é que o Ventura, depois da festa, há-de dar sinal de presença — ele e o seu chanfalho contudente. Afora esta maltezaría e uns tantos outros embarcações beberrolas de várias nações que estão fartos de ver comboios, não se enxerga mais ninguém nas ruas. Os próprios vendedores de amêndoas fecharam os tabuleiros, carregaram com as caixas da mercadoria e ala, que se faz tarde!

Uma multidão começa a vibrar quando alguém grita: «Lá vem ele!» E' quase uma hora. Estação coalhada de gente: milhares de pessoas da localidade e das terras das redondezas. Os membros da comissão, enlaidados e enluvados, com os cilindros luzidios na cabeça, estão a postos na plataforma. As senhoras, com os seus vestidos garridos e abrigadas sob as sombrinhas coloridas, conversam animadamente. Enquanto o chefe e restante funcionalismo ferroviário enxotam a multidão das linhas, não vá algum desastre enlutar o regozijo geral, os políticos, um pouco distanciados, segundo a bandeira que hasteiam, cavaleiam apaixonadamente sobre o local da estação. O sr. Fulano é de opinião que ela fique lá para o Lazareto e aduz as razões da sua preferência; o sr. Cicrano quer que não se mude de onde está, mas construída com a devida decência e ainda há outros que a querem ali mesmo à beirinha do rio, ao pé da Casinha do Porto. Os das boticas conspiram, os da Nova e da Velha olham-se de soslaio. E os srs. administrador e presidente da Câmara, sorridentes, fatiota lustrosa, cheirando a naftalina, saídam para a direita e para a esquerda, removendo os cilindros quando o cumprimento é para favorecer as damas. Nota-se alguma preocupação em não deixar aproximar o sr. Vicente do Carmo do sr. Carrilho. Chegam mais braçadas de foguetes e os «pirotécnicos» têm já os morrões acessos, que, por enquanto, apenas servem para dar fogo a algum charuto de picar ou cigarrinho «Paxá».

De repente, a multidão agita-se. Olhos atilados viram o comboio na curva de S. Bartolomeu. Um serrenho atira ao ar o seu vasto sombrero. «Lá vem ele! Lá vem ele!» — começam a gritar. Os pescoços esganiçam-se para o lado de Monte Gordo. Distingue-se um grande risco de fumo branco. «E' ele!» — exclamam os senhores da comissão. Um ou outro puxa os punhos engomados, ajeita a gravata e sacode um imaginário pó da lapela. As senhoras riem, chilreiam, esquecem o chapéu da vizinha, afeioam as barbas de baleia do corpete e reparam as rendas das mangas. O revisor do material, junto à via, com cara de carrasco da Torre de Londres, ergue o martelo do toque a ameaçar a turba-multa que furiosamente quer colocar-se no meio da linha para ver melhor.

O comboio partiu já de Monte Gordo. Vê-se que é um comboio enorme. Um destes arraianos, lu

(CONCLUSÃO NA 2.ª PAGINA)

Realizou-se, no passado mês de Março, a Assembleia desta simpática colectividade, para a eleição de novos corpos gerentes para o ano em curso.

Depois das obras de que tem sido alvo, tendo beneficiado de grandes melhoramentos estamos certos, de que o Clube Recreativo Lusitano será uma das melhores colectividades da nossa vila. Consta-nos que a actual direcção vai empreender uma intensa campanha de angariação de sócios, pelo que será durante um certo tempo abolido o pagamento de jóia.

Realizou-se, no passado mês de Março, a Assembleia desta simpática colectividade, para a eleição de novos corpos gerentes para o ano em curso.

Depois das obras de que tem sido alvo, tendo beneficiado de grandes melhoramentos estamos certos, de que o Clube Recreativo Lusitano será uma das melhores colectividades da nossa vila. Consta-nos que a actual direcção vai empreender uma intensa campanha de angariação de sócios, pelo que será durante um certo tempo abolido o pagamento de jóia.

Depois das obras de que tem sido alvo, tendo beneficiado de grandes melhoramentos estamos certos, de que o Clube Recreativo Lusitano será uma das melhores colectividades da nossa vila. Consta-nos que a actual direcção vai empreender uma intensa campanha de angariação de sócios, pelo que será durante um certo tempo abolido o pagamento de jóia.

Depois das obras de que tem sido alvo, tendo beneficiado de grandes melhoramentos estamos certos, de que o Clube Recreativo Lusitano será uma das melhores colectividades da nossa vila. Consta-nos que a actual direcção vai empreender uma intensa campanha de angariação de sócios, pelo que será durante um certo tempo abolido o pagamento de jóia.

COMEMORAÇÕES DO 40.º ANIVERSÁRIO DO LUSITANO F. CLUBE

Conforme noticiámos anteriormente, estão a decorrer as festas comemorativas do XL aniversário do glorioso clube desportivo local. Hoje, pelas 10 horas, efectua-se a concentração de todos os clubes da vila, que desfilarão em cortejo com os respectivos estandartes, sendo prestada às 11 horas, na sede do Lusitano, a devida homenagem ao clube festejado.

Às 15, 30 horas, no Campo «Francisco Gomes Socorro», haverá uma largada de pombos correios, seguindo-se um encontro de futebol, às 16 horas, entre a equipa de honra do Lusitano F. C. e o Sporting Clube Farense.

Esta noite, haverá um grandioso baile no Salão de Festas, precedido duma partida de Pingue-Pongue entre uma equipa do Sporting Clube de Portugal e uma selecção dos melhores praticantes pombalinos.

Segue-se, depois, a entrega das Taças e medalhas disputadas e um Porto de Honra dedicado a todos os atletas que participaram nas provas desportivas das comemorações.

O «Notícias do Algarve» agradece à prestimosa Direcção do Lusitano F. C. o convite que lhe foi enviado para as festas.

TROFÉU TURÍSTICO DO CLUBE SHELL

Despertou grande interesse em todo o País, e em particular no sector automobilístico, a disputa do Troféu turístico do Clube Shell o qual foi ganho pelo consagrado ás do volante Filipe Nogueira.

Os serviços culturais da Shell, que são chefiados pelo nosso ilustre provinciano sr. dr. Luis Cerqueira, dispensaram caloroso aplauso à iniciativa e contribuíram, em larga medida, para mais este importante triunfo da Shell.

Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de S. António Inventário dos Baldios

Em cumprimento do determinado no artigo 391.º do Código Administrativo, vai esta Câmara proceder ao inventário de todos os terrenos baldios existentes no Concelho.

Qualquer chefe de família nele morador ou Junta de Freguesia interessados na elaboração do inventário, e bem assim as pessoas singulares e colectivas que disputem a propriedade ou posse de terrenos no mesmo incluídos, poderão recorrer para a Câmara, ao abrigo do disposto nos §§ 1.º e 2.º do artigo 392.º do citado diploma.

Como por falta de elementos, certos terrenos que pelo longo período de desaproveitamento podem vir a ser considerados baldios e incluídos no inventário, esta Câmara, desejando evitar que as pessoas possuidoras de terrenos nas condições atrás referidas não tenham de vir a socorrer-se do que dispõe o artigo 392.º e seus parágrafos atrás referidos, sempre trabalhoso e oneroso, para provarem o direito de propriedade ou posse sobre os mesmos, convida os interessados a, no prazo de 30 dias a contar da data deste, prestarem a sua colaboração, comunicando à Secretaria desta Câmara o que entenderem por conveniente e possa contribuir para o esclarecimento de situações duvidosas.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 9 de Abril de 1956.

O Presidente da Câmara,
Dr. Alonso Vasques

Mocidade Portuguesa

Campeonato Regional de Atletismo

Disputaram-se, no último domingo, os Campeonatos Regionais de Atletismo da Ala 6 (V. R. S. A.), tendo-se registado os resultados seguintes:

60 metros
1.º, Francisco Jesus da Silva, C. E. 1; 2.º, Albano Parra dos Santos, C. E. E. 1; 3.º, Vítor Teixeira Marques, C. E. 1.

250 metros
1.º, Francisco Jesus da Silva, C. E. 1; 2.º, António Simplicio Joaquim, C. E. 1; 3.º, Alfredo Zarcos Graça, C. E. E. 1.

700 metros
1.º, Albano Parra dos Santos, C. E. E. 1; 2.º, Joaquim Cardoso Leal, C. E. E. 1; 3.º, José Medel, C. E. E. 1.

Estafetas 3 x 60 m.
1.ª equipa, C. E. 1, António Simplicio Joaquim, Vítor Teixeira Marques e Francisco Jesus Silva.
2.ª equipa, C. E. E. 1, António Bibifino Jara, José Medel e Joaquim F. Ribeiro Rosa.

S. Salas

GRUPOS DE REGA
Wisconsin - Continental - National
Desde Esc.: 3.800\$00
Totalmente blindados
MECÂNICA SIMPLES
- ROBUSTOS -
Os mais económicos em óleos e combustíveis
RENDIMENTO MÁXIMO
Para o seu caso consulte a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
- Telefone 76 -
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Assinal e propague «Notícias do Algarve»

CONGRESSO DE MOCIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dessas palavras: Congresso de Mocidade

Esperamos que isso não venha a resumir-se numas dezenas de senhores grisalhos, pesadotes, conselheiros, a aprovar por dever de ofício teses igualmente conselheiras e grisalhas. Pois que de mocidade é o Congresso, em mocidade se há-de viver. Se mais nenhum motivo houvesse para o esperar e exigir — havia o motivo das próprias palavras. Mocidade não é, por certo, contraditório com cabelos brancos. Era moço o homem que nas vésperas de Ceuta gritou para os velhos companheiros de armas, de cabelos encanecidos: «Russos, além!». Mas é incompatível com a sensatez acaciana dos tímidos,

dos que afinal nunca foram novos, nunca experimentaram na alma o arrebatamento dos verdadeiros entusiasmos juvenis.

A mocidade pode ser incoerente, irreflectida, insensata. À sua insensatez se devem as horas decisivas da história nacional: moços de sangue ardente eram Afonso Henriques, quando, contra toda a cortezia, se armou a si próprio cavaleiro; e Nuno Alvares, quando, contra toda a previsão, desembainhou a sua espada a barrar o caminho à flor da cavalaria dos espanhóis; e D. Henrique, quando em Ceuta deslumbrou o sarraceno com os feitos da sua prodigiosa bravura. ... Que velhos, de todas as idades, os houve sempre também, e parece que em seu tempo seu conselheiral parecer fez prosélitos e encontrou defensores. Camões conheceu-os, escutou-lhes as razões, pintou-as nos Lusíadas. Que gravidade circunspecta, respeitável, havia nessa fala do velho do Restelo! Sempre igual parece ter sido a voz dos velhos de alma: ainda agora parece que a ouvimos a cada passo, em cada lugar, até naqueles que havia motivos para julgar que eram reservados só à gente nova.

EXCURSÃO de Intercâmbio Regionalista ao Algarve

A Casa do Algarve, em Lisboa, no prosseguimento das suas actividades regionalistas, e através da sua Comissão de Turismo e Propaganda, está organizando, para os dias 5 e 6 de Maio próximo, uma excursão ao Algarve, provincia que nesta quadra do ano se reveste dos seus melhores encantos.

Esta excursão, dedicada às Casas Regionais existentes na capital, será feita em serviço especial de automotora Lisboa-Algarve, (em 4 horas), sendo todo o percurso nesta provincia feito em magníficos autocarros. Além da visita a todas as suas praias principais, monumentos, etc., serão visitados Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, S. Brás, Loulé, Albufeira, Silves, Portimão (Rocha) e Lagos.

Em determinados locais exhibir-se-ão grupos folclóricos do Algarve, com os seus tão característicos corrinheiros e bailes de roda, além de outros atractivos em organização.

Para esta excursão serão convidados, pela Casa do Algarve, representantes da Imprensa de Lisboa e Porto.

A partida de Lisboa (Terreiro do Paço) far-se-á no dia 5 (sábado), às 7,40 h., estando previsto o seu regresso a Lisboa para o dia 6, cerca da meia-noite.

O preço do bilhete para o percurso no caminho de ferro e autocarro, em todo o Algarve, é de 195\$00 por pessoa.

A Casa do Algarve prestará toda a sua colaboração para efeito de garantia de alojamentos.

Dada a limitada lotação da automotora (75 lugares), os pedidos das inscrições, que serão feitas na Casa do Algarve em Lisboa, na Rua Capelo, 5-2.º, telef. 25240, e que neste momento já são em elevado número, terão de ser acompanhadas da importância acima referida e terminam no dia 30 de Abril, inclusivê.

VENDE-SE
Uma casa, com 6 divisões e quintal, na Rua Jacinto José d'Andrade, 40.
Informa João Miguel Ferreira — Rua Oliveira Martins, 39 — Nesta vila.

Roque de Sousa Quem avisa...

A Câmara Municipal informa que até ao dia 30 de Abril, corrente, todos os indivíduos que tiverem os seus prédios e estabelecimentos no seguro devem apresentar na Secretaria os documentos necessários para a respectiva conferência, com vista ao pagamento do «Imposto para o Serviço de Incêndios».

Durante o corrente mês de Abril, encontra-se a pagamento a «Licença de Comércio e Indústria», devendo o contribuinte apresentar o conhecimento da contribuição industrial para cada uma das modalidades em que estiver colectado.

Taxas da Emissora Nacional
Em todas as Estações dos C. T. T. e até ao dia 20 do corrente, podem ser efectuados os pagamentos referentes ao primeiro trimestre anual e adicionais.

APARELHOS DE RÁDIO
Marcas BUSH e TE-KA-DÉ
Uma maravilha da técnica — Inglesa e Alemã —
Visite e consulte a
Agência Comercial e Marítima do Sul
— Telefone 76 —
Vila Real de Sto. António

PRAIA DE MONTE GORDO PRÉDIO
Rua Gonçalves Zarco, 19
Vende-se um prédio bem situado, com três frentes, 10 divisões, quintal, terraços, água canalizada, luz eléctrica, esgotos, toda mosaicada, de boa construção e preço acessível, podendo facilitar-se pagamento.
Chave — Rua António Nole, n.º 23 — Maria Cândida Lopes.
Proprietário — Evaristo de Vasconcelos, Av. João XXI, 22-4.º Dt. — Lisboa.

SÓ a tabela SELECTAL inclui:
Milhos híbridos de QUALIDADE, que marcaram o 1.º LUGAR no conjunto dos ensaios oficiais e Os preços mais baixos em Portugal
Enviando um postal a:
Rua da Boa-Vista, 108-2.º
Telf. 670844 = LISBOA = Telg. Selectal
também disporá GRATUITAMENTE de:
Análises de terra e Assistência técnica

INAUGURAÇÃO DO GAMINHO DE FERRO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

so-andaluz, com o exagero inerente à mestiçagem do sangue, grita que são mais de cem carruagens. Afinal, vimos depois que não iam além de quarenta. Vêm-se braços saídos das carruagens agitar lenços ao pessoal das hortas, que largou o sacho e a enxada para assistir à passagem do colosso. Saíram, agitando os chapéus. Pressentem, na sua rudeza, que passa na sua frente, a rolar naqueles trilhos, uma mensagem que anuncia um mundo novo. Ainda longe, o maquinista apitou — um apito agudo que fez estremecer a multidão. «Tire-se pra lá, seu alarve!» — grita o tal encarregado da revisão do material a um da Tenência, abafado num varino e que quer ver mais que os outros.

Os discursos, o entusiasmo e um viva perigoso ao Marquês de Pombal

O comboio entrou nas agulhas a apitar, a saudar esta multidão entusiástica. As carruagens vêm cheias; agitam-se braços, corre-se de um lado para outro; o maquinista não cessa de apitar e lentamente, espirrando vapor pelas ventas, a locomotiva, negra e brilhante, aproxima-se da plata-

forma. Rebenta o foguetório, os adversários políticos abraçam-se; a Velha, a Nova e a banda espanhola tocam em unísono o hino da Carta. Sobem vivas a suas majestades. Aplaudem-se em delírio. As fábricas começam a apitar e alguns navios estrangeiros juntam a simpatia da sua saudação sonora ao enorme contentamento desta gente. Descem os engenheiros, desce todo o pessoal que vem das outras estações e a multidão aumenta; máquina e carruagens sobressaem da massa negra de gente que as rodeia.

Os membros da comissão e as senhoras desempenham um papel gentilíssimo, desfazem-se em amabilidades para os que chegam. Na tenda, ao lado do barracão, serve-se o copo-de-água. O calor é sufocante e mais de um senhor mete o dedo no colarinho, duro como lata, para facilitar o arejamento interior. Depois vêm os discursos. Falam o capitão do porto, sr. 1.º tenente Manuel Adelino Nunes de Sousa, que é o presidente da comissão das festas; engs. Fernando de Sousa, Silveira, Lecouivre e Bual, dr. Estevão de Vasconcelos e Mendonça e Costa, redactor da «Gazeta dos Caminhos de Ferro». Alguns discursos foram vibrantes, tendo empregado a assistência o do sr. eng. Bual, que pôs em relevo o alto benefício que representava para Vila Real de Santo António, para o seu povo (ao qual se referiu com muita amizade), para o prestígio e para a economia da Nação a chegada a esta terra fronteiriça e marítima do caminho de ferro. Não cessam as palmas, os vivas a suas majestades, aos ministros e às figuras locais a quem se deve o melhoramento. O cônsul de Espanha, entusiasmado com a oratória, observa ao sr. conselheiro Frederico Ramirez: «Agora tendremos nosotros que traer el ferrocarril a Ayamonte!»

No meio do calor dos aplausos ao discurso do sr. eng. Bual, o Jacinto Erres dispara um ribombante viva ao Marquês de Pombal. Dois vizinhos de Castro Marim, à sua ilharga, engolem em seco e vistoriam-no com um olhar cobiçoso de antropófago...

As filarmónicas tocam um «pasa-calle», a multidão começa a dispersar-se em direcção à vila e o cívico Ventura, já despachado do policiamento da festa, vai afagando a bainha do chanfallo, lembrando-se que haverá que fazer com os ruídos das «coquetas». A esta hora quantas garrafas e copos terão já partido, eles e os ingleses!

Os srs. presidente da Câmara e administrador do concelho estão contentes! E' provável que a canção seja poupada durante uns tempos às bolinhas do Moita, meirinho. E' bonito uma amnistia geral para os canideos. Que grande triunfo político! O maquinista e o guarda-freio são cá dos nossos!

A vila regurgita de população e as vendas habilitadas estão atulhadas de clientes. Bebem-se meios litros à saúde do comboio, do chefe e do agulheiro que desfaldara uma linda bandeira encarnada à porta da guarita, para o homem da máquina saber que era a altura de apertar os freios. Os influentes da localidade trocam impressões, fala-se até na união nacional de progressistas e regeneradores e entretanto as senhoras, já em casa, escovam e ajeitam os lindos vestidos e recorrem aos frasquinhos de água de cheiro. Daqui a bocado vai ser distribuído o bodo, na Praça. Já lá estão as filarmónicas e o sr. padre Leiria, à porta da igreja, aguarda as senhoras e a comissão das festas, para dar começo ao acto beneficente.

A distribuição do bodo aos duzentos pobres

São cinco horas da tarde; as senhoras e os senhores aproximam-se dos balcões junto do obelisco que a gratidão desta gente ergueu ao fundador da sua terra e ao sr. D. José I, que era rei no tempo do Marquês de Pombal. Não sabemos a razão por que a este lapidário monumento alguns brutos chamam pelourinho. Os balcões onde se amontoam o pão, a carne e outras vitualhas, estão cobertos com as bandeiras da Nação, da Inglaterra, da Alemanha, da Argentina, da Noruega e outras que os respectivos representantes consulares emprestaram. Diligentes, embora discretos, os srs. drs. João Abecassis e António de Passos, Martinho José Rodrigues, Jacinto José de Andrade, Francisco Ortigão Sanches e Francisco Malaquias Domingues secundam as sr.ªs D. Fernanda

Le Cocq Abecassis, D. Aurélio Andrade de Figueiredo, D. Elvira Azevedo Vaz Velho, D. Olimpia de Abreu e Sousa, D. Elvira e D. Concha Azevedo, D. Carmen Gomes Sanches, D. Carmen Ortigão, D. Maria da Conceição César e outras damas vilarrealenses na distribuição do bodo. Duzentos pobres são contemplados e os filarmónicos, bem adubados com a pinga da Fuseta, arrancam do instrumental as mais comoventes harmonias. O bombo do Francisco Basbanca deve estar forrado de pele de zebú, porque de coiro de carneiro não arrancava aqueles tonitroantes estampidos de bombarda. O sr. Juan Cumbreira, empacotadas escrupulosamente as pesetas, assoma-se à janela a ver como correm as coisas cá por baixo, no meio da Praça, cheia de balões, de bandeiras e de algazarra, e o bondoso Francisco Tenório, com as suas venerandas barbas, ri infantilmente ante o espectáculo de regozijo geral.

Finda a distribuição do bodo, os pobrezinhos, com o quinhão que lhes alivia a fome de hoje e de amanhã, lá vão, sabe Deus para onde! — e as senhoras e os senhores, cansados de tantas fadigas e emoções, vão para suas casas despojar-se das indumentárias rigorosas que a uns assou os pescoços e a outras vincou os bustos. Que barbas de baleias tão rijas!

Um telegrama a Sua Majestade e as iluminações e a música, à noite, na Praça

Entretanto, o sr. administrador, envidado do triunfo, antegozando o despeito dos «outros», manda ao telegrafo a seguinte mensagem a Sua Majestade: «E' no meio do maior jubilo que os povos de Vila Real, Castro Marim e outras povoações da margem direita do Guadiana, assistindo à inauguração do último troço do caminho de ferro de Faro a Vila Real, saúdam a Vossa Majestade e lhe enviam os seus mais sinceros e cordeais agradecimentos pelo complemento de tão importante melhoramento cujo início só a Vossa Majestade se deve e que de tanta utilidade será para esta província. Fazemos os mais ardentemente votos pelas maiores prosperidades de Vossa Majestade, de sua majestade a Rainha e de toda a família real portuguesa — o administrador do concelho, Barreira».

O empregado do telegrafo, que estava a conversar com o sr. Henry, da estação inglesa, lê, conta as palavras e a socapa desabafa um viva à República.

A vila, neste resto de tarde, está muito animada. Há um certo exagero nas libações, aliás compreensível, dado que todos estão compenetrados da valorização que representa para esta terra a inauguração do caminho de ferro. Fala-se até em que vem para aqui o novo vapor «Infante D. Manuel», adquirido há pouco em Inglaterra, para fazer as carreiras entre as duas margens do rio e sabe-se que vão ser feitas diligências junto do governo espanhol para trazer a Ayamonte a linha férrea que parou em Huelva. Enfim, esta gente está entusiasmada e crê no progresso da sua terra.

À noite, a Praça Marquês de Pombal e a Avenida Rainha D. Amélia e uma ou outra rua aparecem iluminadas. As músicas tocam nos seus coretos e não há desfinação entre a Velha e a Nova. Nas casas particulares também há música. Tudo corre bem! o povo diverte-se, há apenas uma cabeça de inglês rachada e os afeccionados ao tinto exageram no consumo, mas como amanhã é Domingo de Páscoa não faz mal. Dormem-se mais umas horas.

A comissão, para termo das festas, oferece hoje à noite um baile na Democrática, que, por certo, decorrerá animadíssimo. Mas o repórter não pode concorrer ao mesmo, porque tendo ainda tão poucos meses de vida não quer sujeitar os seus modestos progenitores à multa correspondente à infração da lei dos espectáculos — quando estes não são próprios para menores.

José Barão

CASAS

Vendem-se, duas, na Rua Cândido dos Reis, n.º 23 e 138. Dirigir a Drogaria Pena — Vila Real de Santo António.

UMA INJUSTIÇA QUE URGE REMEDIAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

-se reduzida, em matéria de desportos náuticos, às actividades do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa.

Neste Centro, contagiados pelo entusiasmo de alguém a quem devemos prestar justiça pela sua incansável dedicação, reuniu-se a mocidade da nossa terra, que, distraída de perniciosos entretenimentos, deuse à salutar prática da vela. Lusitos, «sharpies» e «snipes», sulcando, todas as tardes, as águas do Guadiana, eram um espectáculo encantador que sempre prendeu a atenção de ambos os lados da fronteira — e teve larga concorrência de admiradores e entusiastas nos dias de regatas. E muitas foram a regatas, com a participação de velejadores espanhóis, que constituiriam, para além da simples competição desportiva, forte motivo de confraternização e revigoração dos tradicionais laços de amizade peninsular.

O encerramento do Centro de Vela local da Mocidade Portuguesa, agora ordenado superiormente, sem qualquer razão justificativa, ao que sabemos, causou nesta vila geral consternação, aliás perfeitamente compreensível.

Quando, por todo o País, se estimula a prática desportiva e o próprio Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar — lastimando a mocidade que, voltando costas aos ares sádios do Tejo, se estiola pelos «cafés» — lança a campanha patriótica do «Rumo ao Mar», não se compreende que se prive a mocidade da nossa terra de poder participar nos benefícios dessa generosa campanha. Afigura-se-nos um procedimento contrário a todos os princípios enunciados pelo Chefe do Governo no sentido de incrementar, no mais alto grau, o entusiasmo por um desporto que tem, como nenhum outro, profundas raízes na tradição portuguesa — e, talvez, de entre todos, o que conserva, desportivamente, maior pureza.

E' fora de duvida que o Algarve já marcou posição invejável na Vela Nacional, pelo que, com razão de sobra, consideramos não só injusto como anti-patriótico que se cerceiem todas as condições de vida e possibilidades de desenvolvimento desse desporto na nossa Província, em vez de se lhe dar o amparo e a protecção que, correspondendo à palavra de ordem de Salazar, são obrigação indeclinável de quem tem o dever de zelar pelos interesses desta modalidade desportiva.

Onde há, de Norte a Sul do País, região mais privilegiada do que o Algarve para a prática da vela? Por que motivo se elimina um Centro, como o desta vila, depois de tantos anos de excelentes serviços prestados ao desporto nacional e a mocidade — serviços que têm sido reconhecidos superiormente como tal —, privando o Algarve de um dos seus principais núcleos de vela, e impedindo os rapazes da nossa terra da prática de um desporto a que já se tinham dedicado e em que, por mais de uma vez, prestaram boas provas? Se há erros ou deficiên-

cias no Centro local — eliminem-nos. Se os barcos acusam o natural cansaço dos muitos anos de intensa actividade — renovem-se. Mas que se encerre o Centro, pura e simplesmente, como remédio contra hipotéticos ou desconhecidos males (pois nem sequer se apresentaram quaisquer razões!), é que representa uma clamorosa injustiça, contra a qual, em nome de Vila Real de Santo António, lavramos o nosso mais veemente e sincero protesto.

De resto, confiamos em que esta decisão, que tão profundamente feriu a sensibilidade de todos os vilarrealenses, será revista — e que justiça nos será feita.

Apelamos, neste sentido, para o sr. Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, para o ilustre chefe dos serviços náuticos da Organização, comandante Soares de Oliveira, oficial distintíssimo a quem estes assuntos merecem sempre a mais extrema e carinhosa atenção, e para o sr. Delegado Provincial da M. P., que não deixará, certamente, de defender os interesses do Algarve, advogando a reabertura do Centro de Vela de Vila Real de Santo António.

Entretanto, aguardamos confiadamente.

J. A. Dias Pena

O sr. ministro da Educação

recebeu Comissões de Portimão e Loulé

UMA comissão de Portimão constituída pelas autoridades locais e presidentes das Câmaras de Lagos, Silves e Albufeira, avistou-se com o sr. ministro da Educação a quem solicitou a elevação a nacional do liceu municipal de Portimão.

Uma outra comissão de Loulé, constituída igualmente pelas suas autoridades, avistaram-se também com o sr. prof. eng. Leite Pinto a quem pediu a criação naquela vila de uma escola técnica elementar de artes e ofícios.

O sr. ministro da Educação, depois de apreciar as necessidades gerais do ensino técnico e secundário na nossa província, prometeu estudar os pedidos das duas comissões, apontando as dificuldades e as razões que se opunham à satisfação imediata dos mesmos.

Os comissionados foram acompanhados pelo chefe do distrito, pelos srs. deputados eng. Sebastião Ramirez e coronel Sousa Rosal e por outras individualidades.

Duas deficiências

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

os barcos, durante a faina da pesca. Também é caso para considerar que o salva-vidas de Tavira — o mais próximo —, apesar da boa-vontade do seu pessoal em acudir nalgum naufrágio nesta costa, raramente poderá chegar a tempo de ser realmente útil num possível salvamento, pelo que se impõe a existência dum barco salva-vidas permanente, aqui neste porto, como antes tivemos, pois as vidas humanas que poderão perder-se numa emergência destas valem bem o custo e manutenção dum salva-vidas exclusivo para esta costa, antes que tenhamos de lamentar ocorrências de maior gravidade.

PALAVRAS DE JUSTIÇA

O SR. deputado dr. Joaquim de Sousa Machado, ao apreciar, na Assembleia Nacional, a lei relativa ao Turismo e à Indústria Hoteleira e a mostrar os possíveis inconvenientes da centralização que se projecta, fez o caloroso elogio da acção do falecido José Rufino, a quem já, por mais de uma vez, nos referimos neste jornal e que transformou completamente a fisionomia de Alijó, sua terra natal, evocando nela o «amor à terra, que anima tantos espíritos empreendedores e dinâmicos». Não queremos deixar de arquivar esta referência a memória de um homem que lutou com um entusiasmo singular pelo progresso da sua terra, tanto mais que

DE VEZ EM QUANDO ...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a feminina, a colaborar na obra que se erguia.

São já hoje homens e mulheres as crianças de então. Com certeza se lembrarão ainda das nossas réctas, dos nossos leitões, do nosso cortejo — em que iam representadas todas as escolas do concelho — quando fomos inaugurar a caminha para crianças, que lá ficou com o nome de «Escolas Primárias de Alcoutim». Foi o Joãozinho, o filho mais novo do dr. Dias, quem rasgou o papel que envolvia a placa.

E' necessário que essas crianças se não esqueçam do pão que então era lançado à terra e que germinou e tão proveitosos frutos produziu.

Na rede hospitalar que o Governo traçou para bem servir o País, Alcoutim foi assinalado para ser dotado com um hospital sub-regional. Este marca uma das maiores necessidades daquela região.

Para a sua realização, para colaborar com a comparticipação estadual, organizaram-se nas últimos anos festas em Alcoutim, cuja recelta positiva se destina àquele propósito.

Assisti a duas delas, e seria difícil fazê-las melhor em qualquer parte.

Tem de se seguir o caminho traçado. E' ainda uma homenagem, talvez a mais significativa de todas, a prestar a quem fez da sua vida uma fulgurante lição e um maravilhoso exemplo. Cumpra à Providência da Misericórdia, como representante maior dos interesses beneficentes do concelho e à Câmara Municipal, como representante máxima de todos os seus interesses, congregar esforços em sua volta e continuar a rota iniciada, para que o hospital sub-regional se possa levantar. Cremos que assim o fardão. Recuar seria trair.

Trindade e Lima

O SERVIÇO DE AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE

deverá ter início no próximo verão

O sr. eng. Espregueira Mendes, ilustre director da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, recebeu em audiência o sr. presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, em Lisboa, que lhe foi apresentar a necessidade urgente de alguns melhoramentos nos serviços ferroviários para o Algarve, nomeadamente a sua ligação com a capital por um serviço rápido de automotoras.

Depois de manifestar o seu interesse e desejo de dar satisfação aos melhoramentos pedidos, o sr. eng. Espregueira Mendes informou que no próximo verão, talvez já em Julho, se daria início ao serviço de automotoras Lisboa-Algarve.

Visado pela Comissão de Censura